

## A RETÓRICA DO MITO DO PROGRESSO, "BRASIL, UM PAÍS SEM MEMÓRIA!"<sup>1</sup>

Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert

Brasil, Arapongas, 1938, um antropólogo francês em visita ao país não se contém diante do dinamismo das imagens do tempo que presidia o nascimento da cidade nos Trópicos e afirma que ali habita um povo cujo trajeto da barbárie à decadência jamais havia conhecido a força da civilização.

Isso foi dito em *Tristes Trópicos* (1955), onde Lévi Strauss colore um país bucólico e nostálgico na descrição de suas reminiscências. Construindo um gênero estilístico marcado pelo seu espanto frente ao deslocamento do eu (Europa) para o outro (Brasil), narra um país nativo ameaçado pela “fricção interétnica”<sup>2</sup> e pelas conseqüências da modernidade nas cidades brasileiras que ele qualifica como tristes porque degradadas na flecha do tempo.

À mercê dos mitos da ruína e do fracasso e sob a pressão de fábulas progressistas, as cidades industriais da América tropical dos anos 30 alimentar-se-iam vorazmente do novo, sem nenhum compromisso com o seu passado histórico. O passado do lugar (*le pays, das land*) e toda a duração de processos sociais diversos eram reduzidos à idade do mundo colonizador e ao modelo evolutivo de longo prazo (*longue durée*) constitutivo da experiência e do pensamento europeu, repousando o Brasil na imagem de um tempo agitado, vertiginoso.

Sob a égide da sua experiência temporal, o olhar estrangeiro de Lévi Strauss revisita as suas próprias lembranças vividas na Velha Europa (adulta) e nos mundos colonizados (infantilizados) à medida que adentra as diferentes regiões do Brasil, do litoral ao sertão. Desafiando o mito europeu do Progresso, a sociedade brasileira se apresenta ao antropólogo francês sob a ótica de um ciclo temporal agitado, discordando da cadência contínua da lógica centrada na experiência européia pela qual se orienta o autor dos *Tristes Trópicos*.

Aprisionado ao antagonismo de uma concepção de tempo vertiginoso que tudo

---

<sup>1</sup>ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A retórica do mito do Progresso, ‘Brasil, um país sem memória!’” In: LEIBING, Annette e BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (Organizadoras): *O Brasil é um país sem memória?*- Brasil, São Paulo, Editora Siciliano. No prelo. Palavras chave: antropologia urbana, memória coletiva, cidade. Área de conhecimento: 7.03.00.00-3. ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A retórica do mito do Progresso, ‘Brasil, um país sem memória!’” In: LEIBING, Annette e BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (Eds.): *Das Land ohne Gedächtnis - eine deutsch-brasilianische Provokation*. Alemanha, Lüneburg: Merlin Verlag (in press). Palavras chave: antropologia urbana, memória coletiva, cidade. Área de conhecimento: 7.03.00.00-3.

<sup>2</sup> Conceito desenvolvido por OLIVEIRA, R.C. em sua obra, *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.

devora e de um tempo lento que tudo reconcilia, o pensamento eurocêntrico de Lévi Strauss limita a possibilidade interpretativa da experiência temporal das cidades brasileiras. Nesse sentido, ao analisar as cidades brasileiras, o autor constata que, nelas, o engajamento humano é precário, os cidadãos são desprendidos e a estética urbana é regida pela desordem. Elementos estruturantes de deformações à ordem processual idealizada na memória “do” social no Velho Mundo. O país perde-se na informidade temporal, sem poder contribuir na mesma eficácia de significados às interpretações das estruturas simbólicas do desenvolvimento do patrimônio humano universal.

Nas trilhas de um tempo curto e seguindo-se o ritmo da história unilateral e triunfante da Modernidade, muito se tem afirmado a respeito do aspecto indigente, mutante e mutável da vida social nos Trópicos tanto quanto tem sido comentado a propósito da imagem da destruição que encerra o processo de instalação do fenômeno urbano brasileiro.

Daí insistir-se aqui em interpretar a poética da instabilidade no Brasil e, em reconhecer a construção de significado político (política da forma e do gênero discursivo e interpretativo da historiografia e da etnografia) no qual repousam as representações que oferecem explicações sobre a trajetória brasileira como desvio (ou contramão) de uma estética baseada na ordem e na harmonia do projeto civilizatório.

### **1. Contemplando as imagens da retórica explicativa**

Mestiçagem e sincretismo podem nos dar a chave da compreensão da distância que separa a dramática da dialética da duração que acompanha o processo de consolidação do tempo no corpo da vida social do Brasil e as imagens do grotesco e da monstruosidade que permeiam a construção de teorias sobre esse país.

Trata-se de ressaltar em que medida a imagem do caráter monstruoso e anacrônico da sociedade brasileira presente nas etnografias que narram as experiências do deslocamento, do espanto dos “viajantes”, como de Lévi- Strauss em *Tristes Trópicos*, da historiografia dos brasilianistas, muitas vezes perpetuada no interior do pensamento social brasileiro, relaciona-se aos julgamentos estéticos negativos a partir dos quais os intelectuais processam o entendimento do tempo agitado que acompanha a vida social do país desde sua formação<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Este tema constitui o cerne da tese de ROCHA, A. L. C. da *Le Sanctuaire du désordre, ou l'art de savoir-faire des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*, Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, junho, 1994, em que nos inspiramos neste artigo. Os esclarecimentos de análise de conteúdo sobre a produção do pensamento científico brasileiro ou não, a respeito do tema, contidos nas notas subseqüentes, são extraídos dessa tese.

Nesse sentido, as discursividades que apresentam o Brasil como um “país sem memória” constantemente referem-se aos temas do “subdesenvolvimento”, do “atraso”, da “marginalidade” e do capitalismo selvagem como forma de tratamento conceitual das questões do barbarismo e da deformidade que presidem o ato de fundação do corpo social no Brasil com base nos sincretismos culturais, nas misturas das raças.

Poder-se-ia dizer que os limites de compreensão da lógica contraditorial que reina nas *formas informes* da vida social baseiam-se nos mitos de fundação do Novo Mundo que contaminam as interpretações acerca das acomodações temporais nos Trópicos, eternamente cindidas entre as imagens da barbárie e da civilização, do inferno e do paraíso. Tais “interpretações” do Brasil como “um país sem memória” encontram-se, portanto, impregnadas do mesmo espírito reducionista e moralizador que regeu os mitos da implantação da civilização nos Trópicos tanto quanto do olhar do herói Conquistador europeu quando do advento da descoberta e colonização do Novo Mundo.

A própria classificação “científica” que transfigura, mais recentemente, o Novo Mundo em Terceiro Mundo já denuncia o lugar atópico que ocupa o Brasil, como outros países, no interior de uma visão eurocêntrica da duração temporal, com base na concepção de um tempo linear e progressista, uma vez que evoca a idéia de um corpo social sincrético, cuja feição denuncia a presença de uma “harmonia” tensional de suas origens heterogêneas (raízes européias, africanas, indígenas) no interior da própria idéia da unidade do “ser brasileiro<sup>4</sup>”.

A personalidade étnica do “ser brasileiro” que contempla a figura do Terceiro Mundo, aliando, num mesmo e único ser-estar coletivo, uma pluralidade de estados, sugere a visão colonizadora da duração, ou seja, uma matéria intermediária para os arranjos temporais sob os Trópicos, matéria inadequadamente fluida e imprecisa, desvelando-se aí, talvez, as impressões de monstruosidade e deformação com as quais o fenômeno da memória tem sido freqüentemente abordado pelo pensamento intelectual produzido no seio de paradigmas clássicos.

Nesse sentido, o dualismo que regia a *épistémé* clássica aplicada pela Europa das Vitórias aos outros povos e civilizações chega até os dias hoje na forma como os intelectuais, europeus ou não, refletem sobre o antagonismo insuperável que cinde as

---

<sup>4</sup> Esse é um tema constante na literatura nacional, que aparece no folclore popular de forma depreciativa, na figura do Zé Ninguém ou Zé Povinho, e em Monteiro Lobato, na figura do personagem Jeca Tatu, cf. DA MATTA; Roberto, *Carnavais, Malandros e Heróis*. Por outro lado, a figura “mestiça” do povo brasileiro foi dramatizada positivamente no movimento modernista, em particular por Mário de Andrade, em sua obra *Macunaíma*.

ondulações temporais no Brasil entre tradicional/moderno, desenvolvimento/subdesenvolvimento, países periféricos/países hegemônicos, atraso/modernização, rural/urbano.

O que se apresenta é o tema do paradoxo da coexistência de múltiplos contrários na formação do corpo coletivo no Brasil, país frequentemente entendido pela simplificação redutora de um saber intelectual cartesiano que busca afastar-se da sensibilidade relativista do homem ordinário para alçar, em prol do real, a pretendida objetividade.

O argumento dual está, assim, no coração da orientação dos saberes científicos que tendem eliminar, nas suas explicações causais e materiais do atraso e da ruína do mito do Progresso nos Trópicos, o resíduo sensível de um tempo lacunar que acompanha a formação da sociedade brasileira e ignorar a genealogia de suas categorias científicas no plano mitológico<sup>5</sup>.

O dilema que encerra as representações que constroem o Brasil como “um país sem memória” provoca, portanto, compreender a temporalidade de uma forma de ser “brasileira” que se realiza independente de monopólios etnocêntricos sob os quais gravita a produção de saberes científicos. É talvez movimentar-se pela hermenêutica da suspeita para suscitar os esquecimentos e as lembranças seletivas que dão sentido a esta instabilidade prescrita a partir do olhar do Centro para revelar as tensões, as mutações e os conflitos que encerram um contradiscurso às imagens museificadas da percepção de “colonizadores” modernos.

Nesses termos, antes de opor o norte ao sul, a sociedade patriarcal à sociedade de classes, a razão sensível ao rigor científico, trata-se de se trabalhar com o princípio da tensão fundadora da objetividade científica. Retorna-se, lentamente, a necessidade de se entender que o processo de produção de conceitos científicos antes de afastar-se do conhecimento ordinário do senso comum nutre-se dele<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Essa polêmica se retrança na oposição entre a intuição poética da sociologia do cafuné e da amizade, uma sociologia nordestina, metaerótica e meta-racional da civilização da cana de açúcar da *Casa Grande e Senzala* e dos *Sobrados e Mocambos* de FREIRE, G., sociologia da benção paterna, em oposição à sociologia todo-poderosa da fábrica e da cidade, sociologia prometética da lutas de classes, sociologia paulista de Florestan Fernandes e Otavio Ianni. Ou a sociologia do mundo caipira, dos *Parceiros do Rio Bonito*, de CÂNDIDO, Antônio, *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1987, onde literatura e prosa científica se renovam num quadro interpretativo das populações caboclas do país, ou ainda a sociologia do Brasil indígena, dos ciclos minerais e vegetais da formação do corpo social no Brasil, isto é, a sociologia da orgiástica de Darcy Ribeiro, *Os brasileiros*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1969.

<sup>6</sup> Nos anos 60, o pensamento social no Brasil busca as raízes do Brasil, numa comparação cada vez maior entre os males da civilização nos Trópicos a partir da dramática do povo português, numa tentativa de exorcizar seu passado impuro, atribuindo ao homem brasileiro uma face cordial, do jeitinho e da malandragem, dimensões plausíveis para explicitar as bases populistas da vida política do país e das suas elites acostumadas à sombra do poder.

Do sentimentalismo social e histórico da sociologia nordestina de Gilberto Freire (1974, 1981, 1985), do moralismo crítico da toda-poderosa sociologia paulista das classes sociais ao tema do pesquisador sujeito/objeto da pesquisa e seus *anthropological blues*<sup>7</sup> trata-se de aclamar as preocupações intelectuais da comunidade científica que se debate entre um pensamento social do Brasil ou no Brasil, sem aderir, entretanto, à idéia de que o arranjo das formas diversas da vida social do país é o resultado da corrupção do espírito racionalista da Europa das Vitórias sob os Trópicos<sup>8</sup>.

## **2. A estética temporal das cidades brasileiras na poética da instabilidade**

Lembrando-nos das afirmações lévistraussianas sobre a ética da destruição que caracteriza os *Tristes Trópicos* e que iniciaram este artigo e, suspeitando da forma como inscreve um realismo social à dinâmica urbana, poder-se-ia dizer que, em se tratando de uma estética temporal pautada pelas distopias do passado, propomos interpretar que no Brasil, a Cidade-ruína é a expressão do conjunto de intenções e de comportamentos do homem brasileiro diante do Tempo. Ou seja, mediante a destruição de estruturas espaciais que sinalizam um arcaísmo, os habitantes das cidades valorizam o presente na reformulação do passado.

Para se esclarecer as estruturas subjacentes ao fenômeno da destruição da Cidade no Brasil torna-se necessário refletir sobre o tema da causalidade formal que acompanha a estruturação dos fenômenos temporais. Isto é, o esforço de seus habitantes em evocar o Tempo como uma seqüência de rupturas e lacunas vividas por uma comunidade resistindo à tentação de miniaturizar (reduzir) suas experiências cotidianas na representação do Tempo como uma continuidade uniforme.

Trata-se de operar a compreensão do paradoxo da “alma bárbara” da sociedade brasileira (associada inequivocamente à sociedade patriarcal, escravocrata e agrária do mundo colonial) que, se alimentando de valores modernos, constrói um comportamento estético singular face às ondulações do tempo.

O gesto do esquecimento (ruína) ou do desejo de transformação no “reformado” e

---

<sup>7</sup> Fizemos alusão ao texto de DA MATTA, R. "O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*". In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p.23-35.

<sup>8</sup> A não-contemporaneidade da realidade brasileira atinge seu grau mais crítico para o pensamento social do Brasil nos anos 60, pela via de uma sociologia crítica e militante, considerada na época o único fio condutor capaz de sustentar um saber sociológico apto a promover, finalmente, a redenção da alma bárbara da sociedade brasileira para enfim levá-la ao paraíso. O monoteísmo de valores marxistas que consolidaram o domínio das classes sociais se confronta com o humanismo pluridimensional do trajeto antropológico da formação do corpo coletivo na América Latina.

revestido (domesticação da força efêmera do tempo e negação da morte), pode ser compreendido como o trabalho de deslocar o explícito (alegoria da caducidade<sup>9</sup>) em uma nova ordem de significado, gerando um sentido outro para a instabilidade estética agora satisfatória e conciliadora com a obra do tempo descontínuo. Na lógica de uma memória moderna, pode-se encontrar aqui a tessitura da duração no cotidiano do lugar, implícita no ato do esquecimento (abandonar, destruir, restaurar).

Pela recordação do gesto primordial de fundação da Civilização nos Trópicos, isto é, o ato de canibalização do Estranho e do Estrangeiro que acompanhou a ocidentalização da América, a sociedade brasileira, em vez de domesticar a fuga do tempo projetando-o num vetor linear e progressista, adere a sua matéria perecível como forma de sobrepujar a própria morte do seu corpo social.

Nesse sentido, por exemplo, o fragmento de uma estória em torno da Cidade adquire uma forma própria, *sui generis*, daquele que fala, surgindo a trama da vida urbana numa estrutura narrativa como parte de mapas mentais de seus moradores, tendo uma geometria que lhe é peculiar. Para não correremos o risco de esquecimentos, podemos sugerir que essa tem sido uma promissora orientação das pesquisas de antropologia urbana brasileira que incidem sobre etnografias que interpretam os pontos de vista diferentes das vozes cognitivas que traçam mapas afetivos do viver social e cultural no Brasil.

Isso implica sugerir que, na vibração rítmica do Tempo, o lugar (*pays*) do grotesco é proeminentemente ato de transformação (“artes de fazer”, definiria Michel de Certeau<sup>10</sup>). As narrativas na e da cidade brasileira apontam para essa sensibilidade das experiências biográficas, dos contextos estéticos inscritos nas trajetórias singulares dos habitantes, das sociabilidades tecidas na grandeza esmagadora de uma presença heterogênea, da retórica da morte nas suas ruas, da exuberância festiva em suas avenidas, do policulturalismo que reina na vida cotidiana dos cidadãos, dos gestos e atitudes cotidianas continuadas e reinventadas.

Do folclore e do hedonismo popular às produções de uma cultura artística de elite, do espetáculo político às paradas eleitorais, da celebração dos calendários esportivos e musicais às festas religiosas, da exacerbação do corpo em espetáculo às delícias do consumismo; da proliferação de seitas religiosas e cultos à ressurgência de movimentos regionais e locais, o que se depreende é que a Cidade no Brasil se traduz numa espécie de

---

<sup>9</sup> Inspiramo -nos em W. BENJAMIN“ que no lugar de conceitos, nos apresenta imagens”, apud TAUSSIG, M. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo, Paz e Terra, 1993, p. 346.

<sup>10</sup> Cf. DE CERTEAU, M., *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

santuário da desordem. Um território capaz de celebrar, para além da materialidade dos objetos, dos hábitos, dos modos de vida de seus habitantes, o *genius loci* de um povo.

Pelo caráter *informe das formas* com a qual se desenha a consolidação do tempo no Brasil, sublinha-se, assim, o postulado da não-dualidade lógica dos antagonismos de valores que lhe configura, isso tanto para o caso de se pensar a formação da sociedade brasileira quanto os saberes científicos que dela tratam. Há, pois, no processo de destruição e reconstrução da cidade, uma singularidade específica que nos estimula a interpretar a cidade como ruína e fragmento. No caso do estudo das ondulações temporais no Brasil, essa motivação implica, de um lado, localizarmos o ponto de encontro entre o estudo da memória coletiva e da gênese da Civilização sob os Trópicos e, de outro, tratar da incompreensível adesão dos habitantes ao sacrifício de destruição das cidades brasileiras.

Ora, a singularidade do processo de destruição de territórios de uma Cidade qualquer é que este processo pode ser focado a partir do princípio da poética da instabilidade. Não se pode compreender, portanto, a singularidade do ato de destruição e reconstrução de um espaço existencial sem se remontar a uma multidão de atos, volições e sentimentos que engendram seus territórios no domínio do vivido de seus habitantes. Nesse sentido, tomar-se a cidade como matéria supliciada significa aqui encarar a potencia de uma imaginação criadora presente ao homem brasileiro que, destruindo sua morada, pretende “domesticar” o Tempo.

Relativizando os esquemas explicativos, pode-se seguir os pressupostos das “artes de fazer” que, na sua recusa do efêmero, buscam a espessura temporal. Dessa forma, narrar a cidade na sua duração é apreender a dinâmica de suas estruturas espaciais nas sobreposições temporais vividas por seus habitantes, conferindo-lhes uma dialética da duração<sup>11</sup>.

Trata-se de datar e ordenar a agitação temporal na ordem do vivido que dá, à Cidade-ruína nos Trópicos, um caráter de obra em perpétua criação. Para tanto, torna-se necessário aqui abdicar-se de toda a interpretação realista do fenômeno urbano no Brasil advinda de uma sociologia positiva acerca da vida social nos grandes centros urbanos do país. Sugere-se antes adotar uma perspectiva compreensiva para interpretar o ato perpétuo de destruição e reconstrução da cidade que acompanha a criação da civilização urbana na América tropical.

---

<sup>11</sup> Inspiramo-nos aqui em BACHELARD, G. *La dialectique de la durée*. Paris, Quadrige/PUF, 1989.

#### **4. Uma passagem enigmática: da não-memória no e do lugar, para uma narrativa da estética das experiências temporais**

Como descobrir o pulsar da vida na forma-cidade, nas suas estratificações e ruínas, na edificação de novos *topos* urbanos, na demolição de antigas estruturas espaciais, na reforma e sobreposição do significante da obra arquitetônica? Trata-se aqui de etnografar a memória da duração dos habitantes brasileiros no desvendamento das obras da sinergia dos devaneios da vontade e do repouso que nutre uma comunidade em relação ao seu devir<sup>12</sup>.

Vinculando nessa aprendizagem as formas associativas elaboradas por Simmel, teremos como captar, nas memórias biográficas, as formas de sua manifestação concreta, que é a sua "forma" na captação de sua exterioridade. A cidade anima-se, assim, com o esforço dos habitantes de continuarem no tempo, de viverem concretamente suas memórias pensadas: as sociabilidades e as dinâmicas cotidianas vão desenhando mapas afetivos de pertencimento territoriais dos sujeitos.

Parte-se da idéia simmeliana sobre a Cidade como uma obra de arte circunscrita à história da cultura ocidental, pela qual “lemos” na estética urbana das cidades brasileiras - tanto quanto nas suas manifestações artísticas e culturais - o tema das infrações que o estilo barroco oferece às regras do pensamento ocidental clássico em que o absurdo da estetização das massas e do grotesco avança sobre a idéia da coerência, o mítico sobre o lógico, o imagético sobre o racional.

Atuando como sistemas descentrados, algumas cidades brasileiras, comportaram, desde sua fundação, forças que exerciam pressão do interior para fora de seus limites, gerando uma harmonia conflitual entre perímetro- fronteira-confim<sup>13</sup>.

Nesse sentido, a configuração de um décor e de uma ambiência urbana disforme pelo processo contínuo de destruição e recriação só pode ser enfocada como realidade material (em suas estruturas espaciais) se levarmos em conta que a Cidade só pode perpetuar se seus habitantes a reconquistarem cotidianamente em seus sonhos e devaneios.

É apropriado aqui pensar na subversão da imagem de Terceiro Mundo da razão economicista reproduzida como lógica universal nos discursos cientificistas que insistem em nos aprisionar. A imagem dialética simmeliana do terceiro (a tríade) cria a variabilidade

---

<sup>12</sup> A esse respeito as autoras desenvolvem projeto de pesquisa integrado sobre as cidades no Brasil, privilegiadamente Porto Alegre. Projeto de Pesquisa Integrado CNPq “Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no meio urbano contemporâneo” e Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

<sup>13</sup> A propósito, ver bibliografia sobre sociologia do desenvolvimento e da mudança social assim como as teorias da modernização e seus críticos, com expoentes como Luiz Pereira, Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer, etc.

das estratégias e das criatividades humanas para pensar e agir no social. O terceiro, às avessas, cria tensão semântica, o conflito, a disputa, a diferença nas combinações relativas de interação social, produzindo, na própria desordem, a reciprocidade cognitiva nas trajetórias humanas singulares de modo a permitir a liberação de novos significados e negociações nos sentimentos de identidade que o fato de ser brasileiro terceiro mundista pode gerar.

Trata-se, pois, de um fenômeno de consolidação temporal, que vai definir finalmente a tonalidade estética dos grandes centros urbanos do país. Nesse sentido a destruição de ruas, as ruínas de edificações, os fragmentos de socialidades arcaicas, a reconstrução de bairros e o crescimento da cidade informal podem não necessariamente provocar no coletivo e no indivíduo a imagem do sofrimento e do caos pelo caráter descontínuo de suas *formas informes*. O enigma se desvenda ao conceber-se que no trabalho de não esquecer, se alimenta o desejo de vida como o queria Walter Benjamin.

Assim, a Cidade nos Trópicos adquire valor estético precisamente naquilo que ela evoca como território veicular, gerada na fruição de manifestações culturais de matizes diversos e de encontro de diferentes comportamentos estéticos. Por sua tendência ao informal, à ampliação das formas, o teatro da vida urbana local concentra a variação de um idêntico tanto quanto a identidade das diferentes fórmulas repetitivas opostas (localismo X globalização)<sup>14</sup>.

A destruição da Cidade no Brasil desempenha aqui um papel positivo: insere-se, portanto, no conjunto mítico que a América tropical veicula, ou seja, nos ritos de retomada do Tempo. Dito de outra forma, num esquema dinâmico, a cidade urbano-industrial de hoje reabilita e eufemiza a barbárie. Tornamo-nos, assim, os mestres de um movimento circular do tempo e de seus ritmos, movimento esse que vai se transformar num talismã contra nosso destino de homens mortais. Talvez seja esse o caso do comportamento estético do homem brasileiro face a nossas cidades "sem formas" e sem obras cultivadas.

É, portanto, no coração de tempos superpostos que devemos nos colocar para compreender o fenômeno da destruição como processo de construção perpétua do teatro da vida urbana do Brasil. Assim, em meio as muitas interpretações que se pode formular, em termos da destruição e do caos, vistos sob o ângulo das interconexões entre os domínios da estética urbana e da memória coletiva, a mais correta é aquela que diz respeito à criação do

---

<sup>14</sup> OLIVEN, R. *A parte e o todo*, SP, Ed, Vozes e VELHO, G, *Individualismo e Cultura*, RJ, Zahar, 1981. Interessante poder enfocar essa temática a partir do pensamento de G. DELEUZE, em particular da obra *Différence et répétition*. Paris, PUF, 1968.

espaço existencial como fenômeno que responde a um encadeamento complexo de movimentos rítmicos de assimilação acomodadora de um grupo humano a seu meio cósmico e social, aos quais se superpõe a imagem dinâmica da inserção do homem no seu meio ambiente.

O sistema espaço-temporal super-humanizado de nossas atuais cidades industriais modernas brasileiras, mesmo tão diferente dos distantes antepassados europeus (lugares de acampamentos de caçadores nômades, fortificações rendilhadas da Idade Média, fortificações renascentistas em forma de estrela), foi projetado sobre um fundo de cores, de relevos e de odores afetos à geografia legendária dos Trópicos. Mesmo considerando uma reflexão sobre o desequilíbrio patológico no homem da civilização, cercado de uma cintura de fábricas, de favelas, de arranha-céus, de fome e de miséria, de uma rede de vias utilitárias, a cidade "sem forma" encontra sempre, enquanto realidade vivida, as figuras diversas que encarnam a imagem de um território refúgio.

Resistindo ao reducionismo de um tempo finalizado, as cidades no Brasil, assim, permanecem fiéis a uma visão pluralista do tempo, único modo de preservar nelas mesmas a consagração da ordem polissêmica do corpo coletivo de seus habitantes. A destruição da Cidade no Brasil tem, portanto, uma natureza sintética: significa a maturação do fim dos Tempos e, assim, a imortalidade prometida. Industrialização, modernização e urbanização expressam muitos mitos cíclicos e operatórios do Ocidente cristão: acelerar a história e domesticar o tempo.

## **5. Transgressão à retórica**

Na consideração formal de um estilo de "cidade tropical" para se compreender as aglomerações urbanas do Brasil, entra em pauta a concepção de uma sensibilidade coletiva de seus habitantes que está na base de sua criação, em que a beleza disforme toma forma e se expressa com toda a volúpia.

Os rituais sacrificiais a que submetemos hoje a Cidade têm aqui sentidos litúrgicos e iniciáticos onde um corpo coletivo, pela repetição do sacrifício de suas estruturas espaciais, "troca", "negocia" o passado contra o futuro, numa tentativa de domesticar Kronos. É por isso que concebemos a narrativa da estética dos fenômenos culturais como veiculadores dos estilos de viver as cidades no Brasil que acomodam os jogos da memória de sua comunidade. A história de cada indivíduo na Cidade é a história das situações que ele enfrentou em seus territórios, e é a ação desse sujeito nesses espaços que faz de um episódio banal uma situação para ele de reinvenção de suas tradições. Pode-se supor que as

descrições etnográficas desarmônicas dos fenômenos da cultura urbana, nas suas mais diferentes épocas, falam "em quantidades maiores ou menores e de maneiras mais ou menos profundas nas obras anônimas do 'viver a cidade'"<sup>15</sup>, razão pela qual significam uma autêntica recuperação do Imaginário nos estudos sobre o mundo contemporâneo. Tome-se a cidade como uma obra moldada e configurada pelo depósito de muitos gestos e intenções dos grupos humanos que nela habitaram e tem-se aí "los tesoros culturales de una época"<sup>16</sup>.

Esquivando-se da pressão da história imediata das transformações urbanas, a estética da desordem que configura a Cidade no "Terceiro Mundo" é vista aqui como resultado do comportamento estético de um povo que encontra repouso na adaptabilidade. É essa transgressão a uma retórica que reduz as experiências temporais dos brasileiros a um país sem memória, a que nos referimos. Alegoria colocada sob suspeita pela etnografia da memória da duração ao problematizar o trabalho do povo brasileiro em se ajustar à matéria perecível do Tempo, desvelando os conteúdos latentes que contêm muito mais do trajeto imaginário daquele que pensa, fala, age e interage.

No Brasil, a cidade coloca em jogo as emoções e as paixões coletivas arcaicas de seu povo convivendo com a visão mecânica do mito do Progresso e da Ordem. Justamente pela natureza de suas *formas informes*, a Cidade no Brasil não adquire valor estético por suas obras cultivadas, mas sim por uma concepção diferente da matéria da vida urbana atribuída a sensibilidade coletiva de seus habitantes.

O Brasil interpretado na condição de ser produtor de sincretismos culturais e território de coexistência de tempos sociais diversos precisa ser revisto pelo ângulo de sua memória coletiva, pela sobreposição de camadas de duração cuja presença de princípios contraditórios confere, ao seu corpo social, redesenhar, diariamente, suas feições.

---

<sup>15</sup> DORFLES, G. *Dal significato alle scelte*. Torino, Einaudi, 1973

<sup>16</sup> SIMMEL, G. *Concepto y Tragédia de la Cultura y otros ensayos*. Madrid, revista de Occidente, 1935.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. *Macunaima, o herói sem nenhum caráter*.
- ARANTES, Antônio A. (org.). *Produzindo o passado*. SP, Brasiliense, 1984.
- ARENDE, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991.
- AZEVEDO T. *Ciclo da vida - ritos e ritmos*. São Paulo, Editora Ática.
- BACHELARD, G. *La dialectique de la durée*. Paris, Quadrige/PUF, 1989(a). 151 p. (1ed 1950).
- BELSHOW, Cyril S. *Troca tradicional e mercado moderno*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade & Etnia. A construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO, Lopes J.R. *Crise do Brasil arcaico*. São Paulo, Europa do Livro, 1967.
- BRISSAC PEIXOTO, N. *Cenários em ruínas*. São Paulo, Brasiliense, 1977.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1987.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Studio Nova, 1993.
- CARDOSO, F. H. e Faletto, H. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. *Negros, estrangeiros*. SP, Brasiliense, 1985.
- CARVALHO DA ROCHA, A. L. *Le Santuaire du désordre, ou l'art de savoir-faire des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*, Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, junho, 1994.
- CARVALHO, Edgar de Assis. "A cidade preservada". In: *São Paulo em Perspectiva, vida e poder na cidade de São Paulo*. Vol 5, nº 2, Revista da Fundação SEADE., abril/junho 1991. p.75.
- CARVALHO, Murilo et alii. *Artistas e festas brasileiras*. SP, Brasiliense, 1977.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- DA MATTA, Roberto. "O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*". In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p.23-35.
- DA MATTA, Roberto. *A Casa & Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1985. 140 p.
- DA MATTA, ROBERTO. *Carnaval, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- DORFLES, G. *Elogio à Desarmonia*. Lisboa, Martins Fontes, 1986.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa, Presença, 1980.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Fortaleza, UFC, RJ, Tempo Brasileiro, 1983.
- ECKERT, C. "Efervescências, descontinuidades e derivas na construção da trajetória coletiva de uma comunidade de trabalho: estudo de memória e identidade social". In: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (org). *Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares . Actas das sessões temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, 4-7 de Julho de 1994*.
- ELIAS, Norbert. *La dynamique de l'Occident*. Paris, Calmann-Lévy, 1975. 318 p. (1<sup>e</sup> édition: *Über den progress der Zivilisation*, 1939).
- FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. São Paulo, Pioneira, 1970.

- FERNANDES, Florestan. *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*, Zahar, 1973.
- FERNANDES, Florestan. *Comunidade e sociedade no Brasil, leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. São Paulo, USP e Nacional, 1972.
- FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. SP, Difusão européia do Livro, 1960.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, Gilberto. *Maîtres et Esclaves, la formation de la société brésilienne*. Paris, Gallimard, 1974
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. RJ, José Olympio, 1981 (21º ed).
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*, Vol I e II. SP, José Olympio, 1985. FRY, Peter. *Para Inglês ver*. Rio, Zahar, 1982.
- FURTADO, C. *Análise do Modelo Brasileiro*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1972.
- HABERMAS, Jürgen. *L'espace public*, Paris, Payot, 1978.
- HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris, Puf, 1968. HANNERZ, d'Ulf. *Explorer la ville*. Paris, De Minuit, 1983.
- HARTOG, F. (org) *Le Nouveau Monde*. Paris, Les Belles Lettres, Coll. La roue a Livres, 1992.
- IANNI, O. O colapso do populismo no Brasil. São Paulo, Civilização Brasileira, 1978.
- JEUDY, H-P. *Mémoires du social*. Paris, PUF, 1986. 171 p.
- LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra*. Tomo 2. Lisboa, Ed. 70, 1985. 246 p. (1ed. 1965).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo, Martins Fontes. (1º édition: 1955).
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. SP, Perspectiva, 1974.
- MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo, Pioneira, 1975.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva, 1979. Terceira parte.
- MORAES FILHO, E. *Simmel*. São Paulo, Editora Ática.
- NIETZSCHE, F. *Considérations Inactuelles*. Paris, Aubier, 1964, Vol II.
- NUNES, Edson de Oliveira (organizador). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. 331 p.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976. OLIVEN, Ruben G. *A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- OLIVEN, Ruben. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1980. 136 p.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. SP, Brasiliense, 1991. (3 ed).
- ORTIZ, Renato. *Consciência fragmentada*. RJ, Paz e Terra, 1980.
- PEIRANO, Mariza. *Uma antropologia no plural, três experiências contemporâneas*. Brasília, UNB, 1992. Parte I: Brasil
- PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *O messianismo no Brasil e no mundo*. SP, Alfa-Omega, 1977.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria I. *Carnaval brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- PEREIRA, L. *Ensaio de Sociologia do Desenvolvimento*, Pioneira, 1975
- POLANYI, Karl. *A grande transformação*. RJ, Campus, 1980.
- PRADO JR., C. *História e Desenvolvimento*, São Paulo, Brasiliense, 1972.
- REYNOSO, C. (Org) *El surgimiento de la antropologia posmoderna*, México, Gedisa, Ediciones, 1991.
- RIBEIRO, DARCÝ. *Os brasileiros*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1969. RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1969.
- RICOEUR, P et alii. *As culturas e o tempo. Estudos reunidos pela Unesco*. Petrópolis, Vozes ed. São Paulo, EUSP, 1975. 283 p. (115 C968-P)
- SILVA, J. T. *A América barroca, temas e variações*. São Paulo, EDUSP, 1992.
- SIMMEL, Georg. "Métropoles et mentalité". In: GRAFMEYER, Yves et JOSEPH, Isaac. *L'école de Chicago*. Paris Aubier Montaigne, 1984. (1º ed: 1979).
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco, Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*.

Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.  
SODRE, Muniz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.  
TAUSSING, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo, Paz e Terra, 1993.  
TODOROV, T. *La conquête de l'Amérique, la question de l'autre*, Seuil, 1982.  
TOURAINÉ, Alain. *La société post-industrielle*. Paris, Denoel, 1966.  
VATTIMO, G. *Les aventures de la différence*. Paris, Editions Minuit, 1985.  
VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.  
VELHO, Otávio Guilherme (organizador). *O fenômeno urbano*. 4<sup>e</sup> ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. 133 p. (Textos de Simmel, Park, Wirth, Chombart de Lauwe).

## RESUMO

O ponto de partida da adoção metodológica para se pesquisar o patrimônio etnológico das cidades brasileiras deve ser o jogo de luz e sombras entre passado e futuro como meios de expressão do comportamento estético do corpo coletivo no Brasil. A arte de revelar o manifesto e o latente, através da interpretação etnográfica, prioriza o paradigma estético no estudo da memória da cotidianidade. A reflexão crítica sobre as narrativas que descrevem o Brasil como “um país sem memória” parte do pressuposto da sobreposição e da consolidação de ritmos e instantes que regem a vida de seus habitantes no tempo, em seus apelos às diversas tradições urbanas que estão em competição entre si e delimitam, no tempo presente, a estética do caos que confere a aura “tropical” às cidades do Brasil. Cabe salientar que as formas arquitetônicas, as texturas espaciais e as formas das manifestações artísticas e culturais que se desenrolam no teatro da vida urbana no país repousam sobre a impressão de sua transformação interna permanente:

"Brasil, um país sem memória"! Propõe-se suspeitar dessa visão intelectual redutora da forma como os habitantes dos grandes centros do Brasil vivenciam o Tempo.

